

Actas do **S**impósio Ricardo **Carvalho** Calero Memoria do **S**éculo

Edición de
Teresa López e Francisco Salinas



Editan:

© **Departamento de Galego-Portugués,
Francés e Lingüística
da Universidade da Coruña**
Campus de Elviña, s/n. A Coruña

© **Asociación Sócio-Pedagóxica Galega**
r/ Laracha, 9, entrechán
15010 A Coruña
Teléfono e fax: 981 27 82 59

Deseño gráfico do Simposio: Torné Asociados

Deseño da edición e maquetación: Antonio Souto

Impresión: Imprenta Provincial

Dep. Legal: C-617-02

I.S.B.N.: 84-89679-66-5

I.S.B.N.: 978-84-9749-767-1 (electrónico)

DOI: <https://doi.org/10.17979/spudc.9788497497671>

Actas do **S**impósio
Ricardo **C**arvalho Calero
Memoria do **S**éculo

Edición de Teresa López e Francisco Salinas

Organizan:



Colaboran:



Organización

Departamento de Galego-Portugués,
Francés e Lingüística da Universidade da Coruña
Asociación Sócio-Pedagóxica Galega

Presidencia de Honra

M^a Ignacia Ramos.

Comité Científico

Prof^a Doutora M^a Victoria Carballo-Calero Ramos (Universidade de Vigo).
Isaac Díaz Pardo.
Francisco Fernández del Riego.
Prof. Doutor Justo González Beramendi (Universidade de Santiago de Compostela).
Prof. Doutor Basilio Losada Castro (Universitat de Barcelona).
Prof^a Doutora María Camino Noia Campos (Universidade de Vigo).
Prof. Doutor José Luis Rodríguez Fernández (Universidade de Santiago de Compostela).
Prof. Doutor Jurjo Torres Santomé (Universidade da Coruña).

Comité Organizador

Coordenación: Teresa López (Universidade da Coruña), Francisco Salinas Portugal (Universidade da Coruña).

Presidente: Carlos Paulo Martínez Pereiro (Universidade da Coruña).

Vicepresidente: Alberte Ansede (Asociación Sócio-Pedagóxica Galega).

Vogais: Pola Universidade da Coruña: Manuel Ferreiro, Xosé Ramón Freixeiro, Elisardo López Varela, Luciano Rodríguez, Goretti Sanmartín e Laura Tato.

Pola Asociación Sócio-Pedagóxica Galega: Xoán Costa, Teresa Fiaño, Anxo Gómez Sánchez e M^a Xosé Bravo.

Secretario: Xosé Manuel Sánchez Rei (Universidade da Coruña)

Secretaría do Simposio: María Calvo, Xoán Carlos Lagares.

Índice

Presentación	7
Prólogo	
José Luis Meilán Gil	9
Conferencia Inaugural	
Ricardo Carvalho Calero, Gallaecia Magna. José Luís Rodríguez	11
A investigación lingüística e literaria	29
Como sair do cerco. A legitimación galeguista da Literatura Galega por Carvalho Calero e a génese da súa centralidade no campo da crítica literaria. Elias J. Torres Feijó	31
A obra lingüística de Carvalho Calero. Ramón Mariño Paz	67
A narrativa	107
A narrativa de Carvalho Calero na encrucillada dos anos cincuenta. Manuel Forcadela	109
A descrición na obra narrativa de Carvalho Calero. Análise retórica e hermenéutica. Arturo Casas	119
Do carácter híbrido na narrativa breve de Carvalho Calero. (Da ambigua verdade intempestiva de <i>Aos amores seródios</i>). Carlos Paulo Martínez Pereiro.....	137
A poesía	161
O discurso metapoético de Ricardo Carvalho Calero. Xosé María Álvarez Cáccamo	163
As pegadas de Manoel Antonio na poesía de Ricardo Carvalho Calero. Kathleen March	171
Carvalho Calero. Mitos para un exilio. Pilar Pallarés	183
O teatro	203
Carvalho Calero: o Teatro e a Vida. João Guisan Seixas	205
Carvalho Calero no diagrama da comunicación dramática. Carballo, poeta dramático e ironista. Araceli Herrero Figueroa	227
A intervención política e cultural	249
O compromiso cultural de Carvalho Calero: a reintegración lingüística galego-portuguesa. José-Martinho Montero Santalha	251
Reflexións sobre a Segunda República. Xosé Ramón Barreiro Fernández	263
Carballo Calero, un xove nacionalista. 1926-1936. Justo Beramendi.....	281
O home	295
Algúns recordos de Carvalho Calero. Isaac Díaz Pardo	297
Ricardo Carvalho Calero: a elegancia do intelectual comprometido. Miguel Anxo Fernán-Vello.....	301
O professor, o mestre, o amigo: evocación saudosa. Aurora Marco.....	309
Clausura do Simposio	
Carvalho Calero novelista. Darío Villanueva.....	323
Apéndices	341
Apéndice fotográfico.	343
Ricardo Carvalho Calero escribe a Xosé Filgueira Valverde. Dados para a antoloxía da poesía galega do ano 1936. Teresa López.....	349

3

O professor, o mestre, o amigo: evocação saudosa

Aurora Marco

Universidade de Santiago
de Compostela

DOI: <https://doi.org/10.17979/spudc.9788497497671.309>

Lembrar sentimentos sobre Carvalho Calero home e traduzi-los a palavras para os transmitir neste Simpósio, limitada polo tempo, nom me resulta tarefa doada, primeiro porque os sentimentos están dentro do corazón e fazê-los abrolhar, vivos como están, penso que podem perder autenticidade; segundo, porque fôrom tantas as vivências, tantas as aprendizagens do ser humano Carvalho que as ideias se acumulam e tentar reduzi-las para as expor abreviadamente, parece-me um exercício complicado.

A casualidade, ou o azar, quijo que vinhesse directamente a Ferrol, para participar no *Simpósio Carvalho Calero*, desde um lugar longe da Galiza, mas para nada alheio à vida do ferrolám: Jaén, umha cidade onde estivo dous anos –de 1939 a 1941, no convento de Santa Úrsula, habilitado no pós-guerra como penal–, que o marcárom muito como ser humano. Lembrei as cartas cruzadas com Fernández del Riego a que tivem acceso hai oito anos por motivo da elaboração do meu livro *Foula e Ronsel. Os anos xuvenis de Carvalho Calero (1910-1941)*. Na viagem a aquelas paragens fum relendo aquelas cartas e reparei nalguns rasgos de carácter do Carvalho que conocim: certas doses de tristeza, de melancolia, humanidade, sentido da amizade, o amor pola família; a clareza de ideias, a capacidade de superaçom para suportar os momentos difíceis por que passava, o que revela umha inteireza moral –que o acompanhou sempre–, umha força interior pouco comum, que lhe havia de servir, no futuro, para agüentar com estoicismo incomprensions, deslealdades, boicotagem. No que di respeito às afeições, a leitura e a escrita –sobretudo poesia–, os idiomas¹, já se destacam como as actividades quotidianas de Dom Ricardo.



¹ O interesse polo alemám, por exemplo, que se iniciara naquela altura retomaria-o muitos anos depois quando assistiu às aulas no Instituto de Idiomas da Universidade de Santiago (em 1965) para aperfeiçoar os seus conhecimentos.

As lembranças que tenho sobre Carvalho Calero referem-se ao professor, ao mestre e ao amigo, por esta ordem. Nas três facetas está sempre presente o home, claro é. Um home que conhecim em 1967, quando acabava quase de chegar a Santiago trás a sua estadia em Lugo, para se incorporar ao Instituto Rosalia Castro e à, daquela, Faculdade de Filosofia e Letras. Como aluna de 3^o curso, decidida a aprender de forma sistemática a língua da terra da minha mai, aonde chegara eu desde Teruel com apenas nove anos em 1957 –língua que, na verdade, já quase era a minha por ter assistido a umha escola que regentaba minha mai, em Leira (Ordes), e convivido com meninas e meninhos que só falavam o galego, e por viver numha casa, a da minha avó, onde nom se falava o castêlhano–, optei por matricular-me numha matéria opcional, Língua Galega, que ia leccionar Don Ricardo. Aquela opção resultou determinante para o meu futuro profissional e pessoal porque aquel professor –com quem nos juntávamos treze ou catorze pessoas, numha pequena sala de aula. habilitada no segundo andar da Faculdade de História, um quarto cativo que fazia esquina entre dous longos corredores e que só contava com umha mesa longa e um quadro–, nom me deixou indiferente, como ocorreu com outros muitos: com el fum adquirindo os conhecimentos que nom possuía, com el figem a descoberta da Galiza e, sobretudo, inicieu umha aprendizagem da sua ética que continuou de por vida, até aquel 25 de Março em que o machado da morte o levou do nosso lado, embora continue connosco. Estou a ver de novo as aulas do professor: visualizo, assi, um home de aspecto sério, circunspecto, sereno, caminhando amodinho polos claustros da Faculdade, apoiado às vezes num bastom, tocado com um chapéu ou boina, que, portava com elegância². A primeira impressom podia parecer distante, talvez devido à sua timidez, mais aginha descobrim o trato afável, singelo, extremadamente cortês e educado de que fazia gala. Foi magnífico tê-lo como professor durante três anos consecutivos: dedicava a primeira parte da aula à explicação, digamos teórica, sempre adubada com excursos que complementavam o tema, os comentários, os exercícios práticos. Foi naquela altura que muitos dos alunos e alunas conhecemos Cabanilhas, Castelao, Pondal, Curros, Dieste, Rosalia... Era emocionante ouvir como Dom Ricardo recitava. Um dos primeiros poemas de que tenho lembrança é a fôrmosa composição de Cabanilhas “Eu tiña unha arela”, que líamos naquel *Breviario antológico de la literatura gallega contemporánea* (1966), que el preparara. Também lembro umha atençom e um gosto especiais por outros textos: “A Marquesiña” de Castelao e “Estreliña” de Dieste. Por vezes a seriedade deixava lugar à distensom e entom o professor, dotado como estava de umha fina ironia, permitia-se algunhas brincadeiras que aceitávamos gostosos. Nalgumha ocasiom surpreendia-nos agra-

2 Houvo objectos de Dom Ricardo que chegarom a ser-nos muito familiares: os óculos, o que el denominava o transportável, um pequeno aparelho, semelhante a um bolígrafo, pregável, com que acompanhava as explicaçoms no quadro, ou aquel relógio de peto, regalo da sua mulher quando casárom, que estivo três anos na rua do Pez em Madrid –de 1936 a 1939–, gardado carinhosamente por umha patroa e que Maria Ignácia Ramos recolheria à volta de umha viagem a Jaén, com Carvalho já em prisom.



davelmente, como aquel dia –cursando já o último ano– que veu à aula acompanhado de Otero Pedrayo. Nom, nom foi Dom Ricardo um professor que deixara indiferente o alunado. Fora da aula, a relação com el era cordial e, finalizada a carreira, foram muitos os alunos e alunas que continuárom a manter durante anos um contacto permanente, epistolar ou pessoal, porque algo que já se tem posto de destaque é a facilidade que tinha para conectar com a gente nova, o que se explica facilmente polo seu talante liberal, compreensivo e nada retrógrado.

Rememoro feitos e intuo que, desde o primeiro momento em que o conhecim, deveu estabelecer-se entre os dous umha grande simpatia. Um dia, apenas iniciado o curso 1967-1968, chamou-me à parte, ao finalizar a aula, e obsequiou-me com um exemplar numerado de *A xente da Barreira*. O agasalho tinha a sua explicaçom: observara na ficha que lhe entreguei que nom nacera em Galiza e queria proporcionar-me, dixo, um livro de leitura para que eu fosse aperfeiçoando os meus conhecimentos e introduzindo-me na literatura galega, avondo desconhecida para mim naquel momento. Mantivemos umha longa conversa, algo inusual com o professorado daquela época, e, a partir desse momento, reforçou-se a simpatia porque descobrim um home de grande personalidade. Dias mais tarde, nesse mesmo curso, para dar conta da novidade que supunham as aulas em galego, as câmaras da televisom vinherom filmar umha daquelas aulas. Como Carvalho vivia entom só na Rua Nova e nom tinha televisom, veu ver o programa à minha casa. Começavam a nascer os laços de amizade, de respeitosa amizade entre professor e aluna, posteriormente discípula.

Quando em Fevereiro de 1970, no último ano da carreira, me ofereceu trabalhar com el, tomei, de novo, umha segunda opção, mais determinante, se calhar, que a que comentava *supra*. Tinha-me sido concedido na altura um leitorado na Universidade de Rennes para me incorporar em Outubro daquel ano mas renunciei a el para me debruçar sobre a lingüística galega do século XIX, a minha memória de licenciatura que tivem que realizar ao mesmo tempo que finalizava os estudos de Filosofia e Letras, requisito indispensável para trabalhar na Faculdade. Unida, pois, a Dom Ricardo por laços de discipulado, aprendim a trabalhar, sempre guiada pola sua mao sábia e amiga: rigoroso no trabalho, entusiasmado com todo o que empreendia, exigente à vez, disciplinado, gostava dessa mesma disciplina nas pessoas que trabalhávamos ao seu lado. Aqueles anos no Departamento de Lingüística e Literatura Galega da Faculdade foram anos de formaçom, de constante aprendizagem, de colaboraçom intensa.

O meu mestre, termo que utilizo com propriedade³, foi-no já para sempre. Ainda que anos mais tarde deixei de trabalhar directamente com el, por ter-se coberto a vaga que ocupava com carácter definitivo (eu ainda nom era doutora), continuei com o seu magistério ininterrompido, e fum descobrindo novas facetas da sua personalidade. Quando o 6 de Junho de 1978 um professor asturiano e outro do Val de Amaía, me atacárom de forma despiadada⁴ na defesa da tese de doutoramento, dirigida por D. Ricardo, quijo aliviar, com humor e com muitíssima sensibilidade, a tristeza que me embargava através de um acto simbólico e carinhoso: levou-me ao departamento e, em presença de José M^a Dobarro, creio recordar, investiu-me doutora com a toga e o capelo que gardava numha gaveta.

Assi era Dom Ricardo, um home sério, quando havia que sê-lo, mas dotado de um humor carcterístico nel. Trabalhador infatigável, de quando em vez programava algumha viagem e aí se mostrava o home alegre, ameníssimo e divertido que era, um animado conversador com quem compartilhei momentos de distensom que hoje lembro con nostalgia. Como tinha umha cultura tam ampla, a literatura, o cinema (sabia muitíssimo), a música, a vida social, a política... qualquer tema era bom para conversar durante as muitas viagens que figem com el, algumhas de leer e aprendizagem cultural, outras de trabalho. Acompanhei-no, quando podia, a pronunciar conferências em que às vezes também participava eu: Neda, Pontevedra, Noia, A Corunha, Vigo, A Estrada... As lembranças traem-me à memória duas: umha que figemos na primavera de um ano que nom podo precisar (deveu ser arredor de 1975 ou 1976): íamos visitar, com Lúdia Fontoira e Carme Rodríguez, Artes Gráficas em Vigo e jantar com Fernández del Riego. Antes da projectada visita, passeamos por Vigo, encontramos Cunqueiro num café –e isso para nós as três foi fantástico–, à volta estivemos em Pontevedra... um dia inesquecível, como tantos outros. A segunda viagem, que lembro muito bem, foi a Caminha (Portugal), a um congresso luso-galaico, em Outubro de 1984. Trás a jornada de trabalho e debates, convidava-nos a jantar e cear a Aracéli Herrero e mais a mim, que nom queríamos abusar da sua generosidade, mas el dissimulava dizendo que nom sabia que fazer com os escudos. Depois acompanhava-nos à casa particular onde estávamos hospedadas, assegurando-se de passagem que ficávamos recolhidas... A volta a Santiago, no carro de José Luís Rodríguez, permanece nítida na minha lembrança: cantou zarzuelas até chegar a Vigo. A música, já foi apontado por muita gente, constituía umha das suas afeições: sabia de cor nom só zarzuelas, também óperas e, em occasions como a que relato, deleitava-nos com aqueles conhecimentos.

³ Houvo algumhas pessoas que à sua morte, em artigos de louvor, de cínico louvor, se referirom a el como “mestre e amigo”, e inclusive como “amigo íntimo”. Bem sabíamos os que estávamos ao seu lado que isso era só de boca para fora pois, das suas actuaçons se desprendia desprezo, boicotagem, marginalizaçom, intento de nom publicaçom de algumha obra (*Scórpio*), afastamento, intolerância cara às suas ideias... Nom há mais que reler os artigos necrológicos publicados aqueles dias em diferentes jornais.

⁴ Num acto académico como é a leitura de umha tese, há maneiras de discrepar, de mostrar os desacordos, mas as “formas” nom devem perder-se e as questons pessoais devem ficar sempre à margem...



Neste perfil humano nom podo deixar de aludir a outros aspectos da sua personalidade: humanidade, emotividade, que tentava dominar mas às vezes lhe jogava más passadas, como quando em Maio de 1982 a Galiza viva lhe rendeu umha homenagem sincera. Daquela, umhas furtivas bágoas assomaram a aqueles “olhos de luz molhada”, como cantou Cunqueiro em formoso poema a el dedicado. Ou quando, por motivo da morte de umha ex-aluna de Filosofia e Letras, na década de setenta em acidente de tránsito, sentiu a perda da, também, amiga, e nom pudo reprimir um sentimento de profunda tristeza.

Home discreto, de grande austeridade, nom fazia vida social e refugava as propostas que lhe ofereciam para ocupar cargos. Esta era umha atitude mental porque cria que o serviço ao seu país estava no trabalho diário que desenvolvía: na docência, dirigindo memórias de licenciatura e teses de doutoramento, colaborando solícitamente com às pessoas que o chamavam para proferir conferências por toda a geografia galega, ajudando escritoras e escritores novos, investigando, escrevendo... Por isso, quando um articulista⁵, bem pouco inteirado do que escrevia, dixo desde as páginas de um jornal que Dom Ricardo tinha adoptado a filosofia reintegracionista pola frustração de nom ter sido nomeado Presidente da Academia Galega, a este senhor –que, aliás, deu amostras da mais radical falta de consideração para quem, na altura de publicação do artigo se debatía entre a vida e a morte, acontecida catorze dias depois– haveria que remetê-lo, se valesse a pena, ao livro *Conversas en Compostela*, onde está bem explicado todo este processo que em nada se parece ao que manifestou o articulista, mais bem se opom: Carvalho Calero foi proposto em 1977 por numerosos organismos e instituições para presidir a Academia mas un afastamento voluntário de todo o que significasse um cargo deste tipo, teria-o levado (de cumprir as condições legais requeridas para optar a aquel cargo, residir na Corunha) a rejeitar aquela proposta, como fijo quando recusou a nomeação ao Reitorado compostelano, ao Decanato da Faculdade de Filologia, à Presidência do Instituto Padre Sarmiento e, inclusive, ao convite para participar numha candidatura nas primeiras eleições democráticas (Fernán-Vello / Pillado Mayor 1986: 213 e ss).

O terceiro aspecto a que quero aludir neste perfil que estou tentando traçar é o do amigo. Recordar esta relação de amizade fai-se mais doloroso (e ferinte) porque estou a falar propriamente de sentimentos. Ao ver a terrível incompreensão que houve cara el nos últimos anos de vida, ao ver um amigo sofrer –por muito que tentasse disimulá-lo, sensível como era, passou-no mal–, sofres com e por el. Quando por volta de 1978 –ao considerar que já chegara o momento–, começou a defender as teses

⁵ Paga a pena reproduzir tam desatinadas, e inexactas, afirmações: “O peor aínda é que ese xenocidio (refere-se à existência de várias normativas) está arroupado por figuras representativas do propio eido lingüístico. Por exemplo, D. Ricardo Carballo Calero. Algo que resulta incompreensible e desconcertante [...] ¿A que ven agora esa guerra de disidencias e esa pretensión de tecer-destecer dunha nova consensuación, coma se a lingua galega fôra un novo e interminable veo de Penélope? ¿Cales son as causas? Un escritor tan poco sospeitoso na materia coma Méndez Ferrín achacou estas incongruencias de R. Carballo a desvaríos propios da idade. Creo, sen embargo, que máis ben se deben á frustración sufrida por D. Ricardo naquela xa lonxana sesión da RAG na que “un ilustrado complot académico”, capitaneado por Filgueira Valverde, proclamou, por aclamación e por sorpresa, a García-Sabell como presidente deste organismo. A partir daí, D. Ricardo empezou a esquerdar... ¿E vai pagar Galicia as consecuencias?” (Dourado Deira 1990).

reintegracionistas, alguns amigos de juventude, quase todos, diria eu, os companheiros de faculdade, membros do Departamento de Filologia Românica da Universidade compostelana, instituições, pessoas que se autodenominavam “amigas” de Dom Ricardo, nom só nom respeitavam as suas ideias senom que tentavam coartar a sua liberdade de expresom, tratando, por exemplo, dé que *Scórpio* nom visse a luz, impedindo com o seu voto que este romance fosse livro de leitura para o alunado de COU ou nom contando com a sua presença em actos que a requeriam. Todo isso adubado com o insidioso boato de que perdera o juízo... Carvalho nom sentia qualquer nostalgia polo seu arredamento dos cenáculos oficiais, das adulações e dos prémios que consagravam muitos ídolos de barro, mas sentia dor e umha contida indignação porque via que a mais asfixiante intransigência, a mais radical falta de liberdade tentava afogar as vozes discrepantes e impedia o livre tránsito das ideias numha sociedade (e numha Universidade!) que se autoproclamava democrática e num País que tanto o precisava.... Era algo incompreensível: as polícias lingüísticas, vigiavam desde os seus garitos –estrategicamente colocados polo *holding*– para que ninguém que cheirasse de longe a reintegracionista, se filtrasse por nengumha parte. Nesse genérico e nutrido *ninguém*, Carvalho era o home que temiam, daí os “arrañóns de tantos senadores”⁶. Há um poema da sua autoria muito ilustrativo:

Criamo-nos juntos, e parecia que éramos
paxarinhos da mesma posta.

Mas chegou um tempo em que nos xebrámos:
eu, a umha banda; todos os mais, a outra.

Como eu me resistia feramente às vossas picoadas,
deixastes-me no ninho só. Em bandada,
abandonastes o quentor materno,
já polinhos andados, e fundastes
umha colónia co antigo nome.

Eu fiquei sobre as palhas primitivas. O frio
traspasava-me as penas, mas endureu-me o coiro.

Vejo-vos bater asas perto de mim e alheios.
Ninguém diria que medrámos juntos.
Seredes de verdade os meus irmáns?
Seica eu devim de ser ovo de cuco,
intruso no prolífico lar de outra honrada espécie.

(Carvalho Calero 1986: 155)

⁶ “Podedes-me borrar do Libro de Ouro/
meus compatrícios./ Hai tempo que
non coïdo se o Turco rube ou baixa, / e
os meus buques están ancorados no
molle./ Non me tenta ocultar a miña
calva/ baixo a tiara do dogo./ Un corno
e un roupón non me preservarian/ dos
arrañóns de tantos senadores. / Que
outro celebre as suas núpcias co mar./
A boca desa esposa é demasiado amara-
ga./ Prefiro-me solteiro, ceibo de tal
beleza, / que abala como quer e atraí-
zoa aos seus homes.” (“Elegia veneciana”,
Carvalho Calero 1982: 166).



Esta situação, levada com enorme dignidade, sem aversão, sem apenas queixas, só confidências, inclinou-no, ainda mais, ao trabalho: participou como conferencista em numerosos actos que a Galiza nom oficial –que sempre o respeitou e admirou– organizava, seguiu com o seu labor de criação, de ensaio, foi completando a recopilação da sua obra, colaborou na imprensa, umha porta que el desejava ter aberta à sociedade para poder explicar as suas ideias e que, insistia, convinha cuidar. E sempre temia que esta via lhe fosse cegada também em qualquer momento. Por isso, os artigos que enviava, com certa regularidade, a um jornal corunhês revisava-os umha e outra vez, riscando umha palavra, umha frase (renunciando à própria ortografia!), matizando as opiniões para evitar incomodidades ou a nom publicação por pressões de fora. Tenho no meu poder um artigo que me entregou assinado (deveu ser o derradeiro ou um dos últimos), “A Biblioteca do Burocrata”, publicado postumamente (Carvalho Calero 1991), tal como o escreveu originalmente e com as correcções posteriores que introduziu para nom ferir susceptibilidades ou molestar alguém.

Falava mais arriba do *holding*, um termo a que se referia com frequência (denominávamo-lo o “holding Ramón Garcia”) nas nossas conversas. Numha carta desde Lugo, em Janeiro de 1988, referia-se explicitamente às questões que estou a comentar e ao trabalho que tinha eu daquela em projecto (um livro de recopilação de artigos de Otero Pedrayo, *Prosa miúda*):

Lugo, 4-1-1988. Feliz ano novo, querida Rory. Recebim a tua carta o 23 último cos artigos de Otero Pedrayo e a entrevista de “Vamos”; e esse mesmo dia, o dia que recebim a tua carta, recebim tamém a postal de Beatriz, do 22. Obrigado por todo.

Nos artigos de Otero hai que consagrar grande atenção a corrigir as gralhas e os descuidos de pontuação que poda haver. É o único que se deve corrigir. Hai que fazer isto sem pressa, para que saia bem. Nom hai que fazer nada com pressa. Tu debes ter sempre entre maos algum trabalho, mas, excepto em casos em que poderosíssimas razões o imponham, nom debes comprometer-te à entrega em data fixa, a nom ser que se trate de um prazo mui folgado. Trabalhar coa angústia da urgência é mau para a saúde física e mental do trabalhador e quase sempre gera imperfeições e erros no labor. Agora procura nom começar outra tarefa desse tipo até que tenhas entregado o Otero.

Suponho que o exemplar de “Vamos” que prometeu enviar o responsável estará em Santiago.

As vozes de alarma e os tirones de orelhas que a oligarquia tecnocrática lançou e praticou, amedrontarom os governantes que

⁷ Referia-se a umha entrevista que figurou num número de umha revista escolar que lhe fiço a minha filha Beatriz.

iniciaram umha tímida abertura em política lingüística⁸. Para ajudar, eu escrevim umha série de seis artigos mui ponderados. Agora que a abertura parece paralisada, talvez sejam inúteis. Mas se se publicam, sempre contribuirám a criar ambiente. Temos que projectar a longo prazo, e, de por parte, nom descarto que ainda haja um sector do Governo que jogue a carta da reforma. Um dos artigos saiu na “Voz” o dia 2. Outro tinha mandado. Se sai, irei enviando os restantes. O derradeiro, escrito ainda onte, cando as últimas notícias eram já pessimistas, termina num tom menos comedido. Eu sempre estou temendo que as intrigas do “holding” nos ceguem vias de comunicação coa opiniom pública que convém manter; mas se se segue pola parte de Agal umha política hábil, nom é possível que a situação empiore.

A julgar polo ambiente crispado em que se viviam estes problemas, tinha um interesse especial em deixar esclarecido um aspecto reiterado em diversas entrevistas que lhe figérom: o da sua mudança com relação à ortografia do galego. Quando lhe perguntavam sobre este tema, sempre respondia que nom mudara de opiniom e que a política cultural e lingüística tinha que ser possibilista. Vejamos, por exemplo, a resposta que dá à seguinte pergunta:

P- No fin dos seus cursos universitários prodúcese o que para moitos seria unha grande surpresa. Vosté renúncia a unha boa parte das suas investigacións, abandona a sua “Gramática elemental” de éxito e debrúzase na defensa do reintegracionismo lingüístico do que chegaria a ser abandeirado...

R- *Non, non, de nengunha maneira. Eu non renúncio a nada. Toda a tradición galeguista desde os primeiros tempos, baséase nunha información científica procedente do romanismo segundo a cal hai tres sistemas lingüísticos na península: oriental, central e occidental (...). No momento en que a persecución de todo ideal nacional do noso país é moi intensa non é momento de que as distintas interpretacións que dentro do galeguismo podan darse sobre o problema da política lingüística se manifesten, mermando forza á conxunción do ideal do nacionalismo galego. Despregar a bandeira tería sido insensato naqueles momentos, fíxose cando foi oportuno, a teoría na que estamos é antiga entre nós.⁹*

Nom mudou Carvalho (e ainda que assi fosse, deveria-se-lhe o mesmo respeito), o que mudou foi o contexto e o ferrolám sempre estivo atento a esse cámbio¹⁰. Por isso umha das suas ideias básicas era a da receptividade social, o que explica as heterografias utilizadas, que alguns acoimavam de incoerências e mesmo de esquizofrenias: manifestações tam descabeladas, sustidas também desde tribuna pública escrita, fôrom as de um escritor bem reaccionário no que di respeito às liberdades em matéria lin-

8 Naqueles momentos houvo alguns intentos de aproximação entre as duas posturas lingüísticas e algunhas conversas com a Direcção Geral de Política Lingüística, que nom calhárom.

9 Mascato (1987)

Respostas semelhantes podemos encontrar também nas entrevistas realizadas por Rei Núñez (1988) e Villamor (1990)–realizada em Maio de 1989.

10 Desde a sua juventude, fiel à política cultural do Seminário de Estudos Galegos, manteve-se sempre no mesmo posicionamento a respeito da aproximação luso-galaica. Em relação com este tema pode ver-se Marco (1992: 51-54).



güística (e incoerente nesta mesma matéria a julgar polo rigoroso traballo de Carlos Quiroga) (Quiroga 2000), segundo as quais o posicionamento de D. Ricardo devia-se a esquizofrenias, a patologias¹¹. Argumentaçoms deste tipo aforram-nos qualquer explicaçom. Bem sabemos que Carvalho foi umha das pessoas mais lúcidas deste país, lucidez que conservou até o último instante. A respeito destas afirmaçoms de Ferrín, que recolho em nota, já se pronunciou Carvalho em repetidas ocasioms, nas conversas com discípulos e discípulas e por escrito. Pensava que o processo de reintegraçom podia realizar-se por etapas, estabelecendo diferentes ritmos, segundo o campo em que se actuasse. As modificaçoms ortográficas encaminhadas ao ideal projectado seriam mais ou menos lentas mas sempre guiadas cara umha meta bem definida. Assi se expresava num artigo de 1985, recolhido num livro póstumo:

O ensino, a obra literária, o artigo jornalístico, a oratória académica, a propaganda política podem requerer, segundo o público a que a mensagem se dirija, máximos, médios ou mínimos, de projecçom do ideal apontado. (...) Se os fins som comuns, a cooperaçom deve realizar-se com generosidade e lealdade, respeitando no que haja que respeitar os caminhos preferidos e os calendários traçados por cada quem. No fundo, trata-se de umha tarefa pedagógica (Carvalho Calero 1990: 34).

E sempre, qualquer que fósse a política lingüística adoptada, a liberdade de expressom deveria ser o norte que guiasse todo o processo, nomeadamente para os escritores e escritoras porque a criaçom, insistia sempre Dom Ricardo, é o reino da liberdade, e

Como o poder público nom pode impor ao pintor as cores, nem ao músico os compassos, tampouco pode prescrever ao literato as palavras, ou morfemas, ou grafemas (...) e como o poeta maneja palavras, há de dispor da possibilidade de escolhê-las livremente para lograr novos efeitos. É ridículo proscrever a música dodecafónica, ou a pintura abstracta, ou o verso decassílabo. Umha livre competitividade é a única fórmula de convivência literária” (Carvalho Calero 1990: 76).

¹¹ Numha entrevista publicada en *El Correo Gallego* Xosé Luis Méndez Ferrín, ao responder ao entrevistador, da questom ortográfica di: “...Ti podes pola noite inventar unha ortografía. Eu podo inventar cinco ou seis. Carballo Calero inventou xa tres ou catro, e usounas todas, e úsaas simultaneamente. Esas son esquizofrenias. Realmente son patoloxías, se non individuais, casos de patoloxía social. Pero como todo caso de patoloxía social o que se impón é o sentido común e o patriotismo” (Couselo 1989).

Cumpre desconsiderar também a teoría dos “Tres Carballos” que sustém Carmen Blanco (1991: 27-29).

Muitas pessoas nom entendêrom a sua mensagem, daí as disparatadas opinions que apareciam sobre Carvalho. Como nom ia sofrer, em conseqüência, Dom Ricardo? Chegou a pensar, inclusive, que a sua colaboraçom era ruinosa para quem a solicitava. Assi se expressava na carta que me escreveu o dia 4 de Janeiro de 1988:

Saírom dous trabalhos meus recentemente. Um no número de “A Nosa Terra” dedicado a Curros, e outro num livro que a Associaçom Cultural “Germolos” consagrou a Díaz Castro. Este livro saiu mui bem do ponto de vista editorial, em magnífico

papel, e em parte contém trabalhos úteis. Contavam com que lho sufragara totalmente a Conselharia de Cultura, mas esta, ao ver que ia um trabalho meu em normativa nom filicariana, anulou o acordo. O Presidente da Associação propujo “oficializar” todos os trabalhos coa excepção do meu, pois outros iam com mínimos ou meios, mas o Conselheiro¹² nom aceitou, e agora nom sabem como pagar à imprensa. Assi que a minha colaboração é ruinosa para quem a solicita.

Mas a serenidade, umha das suas melhores virtudes, presidiu sempre a sua vida. A estes ataques respondia com o silêncio, sem comentários. Home conciliador, o que el buscava era chegar a uns mínimos acordos, a um consenso, por exemplo, para o ensino. Gardo entre os meus papéis o pequeno guiom que fijo para o seu derradeiro acto público, no dia 7 de Janeiro de 1990, dia de Sam Juliám, quando foi nomeado Filho Predilecto de Ferrol. Ao anotar o que ia dizer, a respeito dos problemas daquela cidade, deixou escrito em breve nota: “Os muitos problema de Ferrol. *Que haja acordo para afrontá-los*, como o houvo para honrar ao mais humilde dos seus filhos” (o destacado em cursiva é meu).

Este caminhante solitário polo obscuro bosque da incompreensão, confiava muito nos seus discípulos e discípulas e em AGAL, de que era Presidente de Honra, para continuar defendendo as suas ideias. Por isso, sempre pensei que a melhor forma de homenagear o mestre e amigo é, justamente, continuar na defesa destes ideais, em que creio, expostos nos seus livros e artigos e que nom poderám nunca ser manipulados nem tergiversados pois están exprimidos com total nitidez e som absolutamente inequívocos. Porém, às portas de um novo milénio, num espaço de liberdade, como creio tem de ser umha Universidade, essas ideias nom podem ser defendidas, quando menos no que di respeito à minha pessoa: a ponto de sair do prelo, quando escrevo estas linhas, um livro do “Servicio de Publicacións” da Universidade de Santiago, dedicado a historiar a Escola Normal Superior compostelana, tivem de passar pola peneira ortográfica da normativa “filicariana” (o livro estava escrito em mínimos reintegracionistas) e suportar que um corrector-censor revisasse as quatrocentas páginas até as deixar perfeitamente reconvertidas ao Decreto Filgueira. O feito de tratar-se de um livro quase institucional, encarregado pola equipa decanal da Faculdade de Ciências da Educação, e de estar co-assinado com um companheiro a quem muito respeito e que devia permanecer alheio a esta polémica, impediu-me, já se comprende, retirá-lo de imediato daquel “Servicio”, o que teria feito de ser eu única autora¹³. Feitos como este, estou certa, teriam entristecido muito Carvalho Calero. Mas confio em que os tempos, e as pessoas, mudem, e que podamos defender os nossos posicionamentos em liberdade, sem retrocessos¹⁴.

¹² O Conselheiro de Cultura naquela época era o “independente” Alfredo Conde.

¹³ Som de agradecer, de todos modos, as gestões, falhadas, que realizou, ao mais alto nível, o decano da Faculdade de Ciências da Educação para tratar de solucionar o problema.

¹⁴ Esta situação que comento significa um retrocesso, em minha opinião. Neste mesmo “Servicio de Publicacións e Intercambio Científico” da Universidade de Santiago, tenho editado três livros de actas, em 1991, 1993 e 1997, sem nengum tipo de problema, com respeito absoluto para as opções ortográficas dos autores e autoras dos trabalhos. Ao parecer, o livro sobre a Escola Normal compostelana, que vai sair na “Colección Fonseca. Serie histórica”, está sujeito a outras normas, por tratar-se de um livro “institucional”.



Finalizo esta lembrança sobre Dom Ricardo com as suas palavras: “Estám realmente em jogo, nom duas normativas (...) mas duas posturas perante a língua do escritor, a autoritária e a liberal. Cremos que aquela é imprópria destes tempos, propugne-se por quem se propugnar. Todo iria melhor se nengumha discriminaçom se practicasse aos escritores por razom dos usos lingüísticos que se registassem nos seus textos” (Carvalho Calero 1990: 78).

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Blanco, C. (1991): *Carballo Calero: política e cultura* (Sada: O Castro).
- Carvalho Calero, R. (1982): *Futuro condicional* (Sada: O Castro).
- Carvalho Calero, R. (1986): *Cantigas de amigo e outros poemas (1980-1985)* (A Corunha: Associação Galega da Língua).
- Carvalho Calero, R. (1990): *Do galego e da Galiza* (Barcelona: Sotelo Blanco).
- Carvalho Calero, R. (1991): “A Biblioteca do Burocrata”, *Revista das Letras, El Correo Gallego*, 1.3.1991.
- Couselo (1989): “Xosé Luis Méndez Ferrín, un galego con pólvora e magnolias”, *El Correo Gallego*, 8.10. 1989.
- Dourado Deira, M. (1990): “Tribalismo lingüístico suicida”, *El Correo Gallego*, 11.3.1990.
- Fernán-Vello, M. A./ Pillado Mayor, F. (1986): *Conversas en Compostela con Carballo Calero* (Barcelona, Sotelo Blanco).
- Marco, A. (1992): *Foula e Ronsel. Os anos xuvenis de Carvalho Calero (1910-1941)* (Sada: O Castro).
- Mascato, A. (1987): “Carvalho Calero: a voz e a palabra”, *A Nosa Terra*, 3.12.1987.
- Quiroga, C. (2000): “Da anormalidade do campo literário galego e da centralidade de Ferrín” en Rodríguez, J. L. (ed.): *Estudos dedicados a Carvalho Calero*, I: 771-816 (Santiago de Compostela: Parlamento de Galicia/ Universidade de Santiago de Compostela).

